

CAXIAS E A REVOLUÇÃO FARROUPILHA

Cap. Cav
ALMIR JOSE MENNA BARRETO SEYFARTH

1. INTRODUÇÃO

Esta revolução julgamos de grande importância na consolidação da integridade pátria. Consideramos nunca ser demais voltarmos ao nosso pensamento aos anos de 1835 e 1845 e buscarmos na Epopéia Farroupilha, nos fatos e na atuação dos contendores de ambos os lados, ensinamentos que ainda hoje empregamos em nossos estudos militares.

Recordaremos a atuação de Caxias, o instrumento que a Divina Providência utilizou para a pacificação da Nação Brasileira. Foi ele um predestinado, um desses homens ilustres, que só de raro em raro surgem na vida dos povos. Foi o anti-revolucionário, o homem preclaro que teve o dom, a sublime faculdade de saber pacificar. Veremos, em sua atuação na Revolução Farroupilha, que Caxias pacificava pelas armas e pela conciliação.

No Rio Grande, pelas armas quebrou o encanto das vitórias Farrapas; pela política bem conduzida, consolidou seu trabalho pela amizade e pela gratidão.

Acreditamos, sinceramente, que Caxias possuía uma ação de comando peculiar. Esta ação, cujos princípios tivera oportunidade de pô-los em prática na pacificação do Maranhão, Minas, São Paulo e na Revolução Farrapa.

Parece-nos que essa ação de comando, combinando perfeitamente as Operações de Combate, a Arma Psicológica e os Assuntos Cíveis, foi bastante avançado para a época em que viveu Caxias e explica convincentemente o seu sucesso, particularmente como Pacificador e Consolidador da Integridade Nacional e como grande estrategista militar.

Verificamos que as ações realizadas por Caxias na Revolução Farroupilha permanecem perfeitamente válidas nos dias presentes, mudando, contudo, de denominação.

Constatamos ainda que Caxias, um homem à frente de seu tempo, foi um precursor nas Operações de Combate, no emprego da Arma Psicológica e no trato dos Assuntos Cíveis.

2. A REVOLUÇÃO DE 1835 — 1845

a. Acontecimentos até Caxias

Vejamos o que acontecia na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul antes de Caxias assumir o Governo e Comando das Operações.

Forte rivalidade política existia na Província entre os conservadores, "caramurus" ou retrógrados de um lado e liberais ou "farroupilhas" de outro. Nas mãos frouxas do Presidente Fernandes Braga, a administração local relaxara as rédeas do Governo e era acusada de reacionária. Outros motivos avultavam, como a tremenda carga tributária imposta pelo Império, os acontecimentos, as mágoas e os ressentimentos ainda recentes da Guerra Cisplatina, de triste memória, principalmente no que se referia aos melindres por questões de comando.

Vejamos o que a esse respeito nos conta o ilustre historiador gaúcho Walter Spalding:

"O rio-grandense vivia de armas às costas, espada na mão, o pé no estribo, defendendo o Brasil contra o estrangeiro. Ao primeiro grito de alarma, quem primeiro corria eram os filhos da Província, os gaúchos. Eram eles que davam o sinal de rebate, a primeira carga, defendiam os lugares mais em perigo e tomavam sobre si as maiores responsabilidades da guerra; sempre de ânimo sereno, eram os últimos a depor a espada e a lança nos seus ranchos, ao pé da cama, para retomá-las novamente ao primeiro grito de recelo do Brasil".

E acrescentava:

"a metrópole nada disso via ou fingia não ver".

Com a escaramuça da Ponte da Azenha na noite de 19/20 setembro de 1835 e a tomada da Capital (Fôrto Alegre), começa efetivamente a Revolução Farroupilha. Era seu chefe o Coronel Bento Gonçalves. No começo o movimento era puramente reivindicatório e visava, apenas, à deposição do Presidente da Província Fernandes Braga. Só mais tarde, com o decorrer dos acontecimentos, adquiriu outra feição, tomando como objetivo principal a Independência de São Pedro do Rio Grande do Sul, sob o regime republicano. Vale lembrar que os principais chefes da Revolução estavam impregnados dos ideais republicanos.

A guerra generaliza-se. Entre os Farroupilhas destacam-se, além de Bento Gonçalves, os chefes Côrte Real, João Manuel de Lima e

Silva, Neto, Crescêncio, Onofre Pires, David Canabarro, Gomes Jardim, Domingos José de Almeida e, entre os legalistas, Bento Manuel (figura controversa), Martins de Souza, Sebastião Pinto Bandeira, Silva Tavares, Manuel Luiz Osório, Francisco Pedro (mais conhecido pela alcunha de "Moringue"). Nessa guerra, a coragem, o denôdo e o heroísmo não constituíam apanágio de um ou de outro lado — brilhavam em ambos — já que ambos eram constituídos da mesma massa. Farrapos e Imperiais alternam-se em vitórias e derrotas, porém, a balança sai pendendo paulatinamente para o lado que possui maiores recursos.

Pôrto Alegre foi reconquistada e não mais cairia nas mãos dos revoltosos, apesar das sérias tentativas que fizeram.

Os Farrapos ganham o importante combate de Selval e, em seguida, de surpresa, o General Antônio de Souza Neto, comandante-geral do Exército Farroupilha e uma das mais destacadas figuras de soldado da Revolução, proclama a Independência da Província, que passaria a constituir a República Rio-Grandense (11 Set 1836).

Com êste acontecimento, os Farroupilhas tomam nôvo alento; é o momento de maior gravidade — o perigo da secessão alastra-se pelas coxilhas da dadivosa terra pampeana.

O perigo da secessão torna-se maior face à proclamação do Chefe da República Oriental, Oribe, com quem o General Neto tivera algum entendimento. Ei-la:

"A República Rio-Grandense e a do Urugual unidas formariam um colosso capaz de resistir à totalidade das falanges brasileiras".

Todavia, o combate da Ilha de Fanja conjura o perigo e a Revolução quase termina pela perda da maior parte do Exército Republicano e pelo aprisionamento dos principais líderes, como o Coronel Bento Gonçalves e Onofre Pires. Ambos foram recambiados presos para o Rio de Janeiro, onde Onofre Pires conseguiu fugir, razão pela qual Bento Gonçalves foi conduzido à Bahia, de onde mais tarde também conseguiria fugir, retornando ao Rio Grande, dando nôvo alento à República de Piratini.

O movimento, após o insucesso da Ilha de Fanja, entra em colapso e terminaria, com certeza, não houvesse o Governo Imperial, por motivos políticos, demitido Araújo Ribeiro e colocado em seu lugar o Brigadeiro Antero José de Brito, cuja atuação provocou sério descontentamento.

O Brigadeiro passou a perseguir com atos e palavras a Bento Manuel (homem de caráter mal formado), conduzindo êsse militar aos braços da Revolução, que dessa maneira ganha nôvo impulso.

Sucedem-se diversos Presidentes na Província, nenhum dêles, porém, empolgando ao mesmo tempo o poder militar e o político. O que era um erro. A Revolução continua. Felizmente, a aventura de Santa Catarina (Proclamação da República Juliana), termina em fracasso, circunscrevendo o movimento ao Rio Grande.

Em 22 de agosto de 1840, o Gabinete da Maioridade concedeu anistia aos rebeldes de todo o Brasil que desejassem depor as armas e entregar-se à autoridade legal. Pela atuação hesitante do Presidente da Província do Rio Grande, o efeito da medida foi quase nulo e, praticamente, não diminuiu o número de insurgentes.

As tentativas de paz fracassaram e a luta continuou.

Mas, chegava o começo do fim. Em 28 de setembro de 1842, o Governo Imperial nomeou a Caxias, Presidente e Comandante das Armas da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

Além do acerto da escolha, a reunião em um só homem dos poderes civil e militar, possibilitava a tão necessária e não conseguida unidade de esforços.

b. Atuação de Caxias

O Barão de Caxias assumiu suas espinhosas e importantes funções em Porto Alegre, no dia 9 de novembro de 1842. As operações estavam estacionárias. Os Farrouplhas dominavam, efetivamente, um terço do território da Província, muito embora realizassem incursões por toda a Campanha. O efetivo dos Republicanos era de pouco mais de 3.500 homens, porém valentes soldados, quase todos exímios ginetes, pertencentes à Cavalaria e excelentemente montados.

Abasteciam-se, em particular, através de seus aliados uruguayos, em víveres, munições, cavalos e muares. No entanto, o insucesso sofrido por Dom Frutuoso Rivera em Arroio Grande e o conseqüente domínio do Uruguai por Oribe, ocorrido alguns dias depois da posse de Caxias, viriam criar-lhes sérios transtornos.

O Barão de Caxias utilizou contra os Farrapos as suas próprias armas, combatendo a guerrilha com a própria guerrilha. Aos exímios guerrilheiros farrapos antepôs guerrilheiros tão ou mais hábeis.

Inicialmente dividiu seu Exército em três grupamentos:

— 1.º Grupamento:

- Cmt — Barão de Caxias
- Efetivo — 2.000 homens
- Região — Bagé e São Gabriel

— 2.º Grupamento:

- Cmt — Bento Manuel
- Efetivo — 3.500 homens
- Região — Alegrete

— 3.º Grupamento:

- Efetivo — 1.000 homens

— Território entre os rios Camaquã, São Gonçalo e Jaguarão.
Seu plano era simples e baseava-se nas diretrizes que baixou:

“Agir com energia, tendo, porém, sempre em vista a pacificação real da Província.

Estancar tôdas as fontes de abastecimento favoráveis aos Farrroupilhas e sitas nas Repúblicas Platinas.

Tirar o máximo proveito desses recursos em favor dos legais.

Procurar aumentar sua Cavalaria até igualar a dos Rebeldes”.

Por outro lado, Caxias estava ciente de sua superioridade em Infantaria e Artilharia e soube usar tais vantagens.

Jamais deu trégua aos adversários, continuando as operações até durante o inverno, que no Rio Grande é chuvoso e frio, coisa que nenhum dos seus antecessores pudera ou ousara fazer.

Batidos em muitos combates, os Farrapos fogem à destruição internando-se em território uruguaio e retornando mais tarde por outros pontos da fronteira. Triste e constante perspectiva: emigrar e voltar em seguida para vencer ou emigrar novamente.

Era a decadência completa. Divididos por dissensões internas, os republicanos foram ficando em situação desesperadora. O entusiasmo e a energia que havia tantos anos os vinham sustentando, já lhes faltavam. Perderam o controle permanente das cidades, depois das povoações e viram-se forçados a peregrinar pelas coxilhas e canhadas, sem pouso certo, quase sempre pontilhados por combates desfavoráveis.

Seus insucessos culminaram com a derrota de Porongos, onde Canabarro — o melhor estrategista da República — fôra surpreendido por Francisco Pedro, quando êste, desrespeitando ordens de Caxias e valendo-se de uma carta apócrifa, ataca o acampamento republicano. Este ato de Francisco Pedro foi desastroso, apesar da vitória, porque Caxias tinha ordenado a suspensão das hostilidades para que

fôsse iniciados os entendimentos para uma paz honrosa. Este fato deixou o grande chefe farrapo — David Canabarro — e seus comandados desalentados.

Desarticulados por completo, os Farrapos começaram a solicitar a paz, a principio sem grande sinceridade, mas, paulatinamente vencidos pela marcante personalidade de Caxias e pela política leal e humana que imprimia à Guerra, passaram a desejá-la.

Volveriam seus olhares para o caudilho argentino Rosas e vendo-o sonhar com a reconstituição do Vice-Reinado do Prata, sentiram o perigo. Naquele momento histórico, apesar de tudo quanto se dissera e escrevera contra o Império durante a Revolução, falou mais alto o espirito de brasilidade, pois mais uma vez era a Pátria Comum a ser ameaçada pelos "castelhanos", tendo à frente o caudilho Rosas.

Assim aquêles bravos que haviam lutado quase dez anos por um ideal de liberdade, depuseram suas armas de tantas baixas e aceitaram a paz num tratado honroso para ambas as partes, onde não houve vencedores nem vencidos, mas homens livres que trocaram um amplexo fraterno, sabendo que daquele momento em diante iriam lutar ombro a ombro para preservar a integridade da Pátria que estava novamente ameaçada.

3. ENSINAMENTOS DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

a. Como Guerra Insurrecional

O conceito moderno de Guerra Insurrecional, preconizado pela ECEME, define-a assim:

"É a guerra interna que obedece a processos geralmente empíricos, de possível adoção por movimentos revolucionários de qualquer inspiração, em que uma parte da população, sem estar necessariamente apoiada em uma ideologia, empenha-se contra a autoridade que detém o poder, com objetivo de substituí-la ou, pelo menos, forçá-la a aceitar as condições que lhe forem impostas".

Como vemos, a Revolução Farroupilha, decorridos mais de cem anos, não se enquadra em todos os seus sentidos dentro desse conceito, contudo, podemos sentir pontos de contato na sua inspiração, não estar apoiada em ideologia e no empenho contra a autoridade que detinha o poder, no caso o Presidente da Província.

A Guerra Insurrecional tem por objetivo:

"O domínio da população para a tomada do poder através da queda e dissolução do poder constituído".

Esse objetivo não faltou à Guerra dos Farrapos.

Os liberais, a longo tempo, faziam ativa propaganda contra os adversários e o governo constituído, a quem chamavam retrógrados e reacionários. Os Farrroupilhas acabaram ascendendo ao poder através da queda e dissolução do Governo do Presidente da Província, Fernandes Braga.

Sabemos que a Guerra Insurrecional necessita de condições mesológicas e de ambiente psicoemocional, que criam o "clima" ideal para seu desencadeamento. Em particular:

- líderes atuantes, ativos e admirados;
- contradições internas, antagonismos, desigualdades, concepção e venalidades nos Podêres Públicos;
- ineficiência das Forças Armadas;
- área geográfica ampla, francamente desenvolvida, de acesso difícil e fácil defesa;
- apoio da população civil.

A Revolução Farrroupilha atendeu à maioria desses fatores; o "clima" era favorável porque:

- Havia líderes atuantes e admirados, como Bento Gonçalves, Gomes Jardim, David Canabarro, Domingos José de Almeida, etc.
- Existia forte antagonismo político entre farrroupilhas (liberais) e conservadores (caramurus). Queixavam-se os farrroupilhas de desigualdade e injustiça e acusavam os órgãos governamentais da Província de corrupção e venalidade.
- As Forças Armadas regulares eram numericamente insuficientes para cobrir e dominar a Província.
- A área geográfica era ampla, se bem que não fôsse difícil seu acesso nem defesa.
- Havia o apoio da população civil que, em sua maior parte, era partidária dos liberais. Em consequência, existia apoio e cômivência nas localidades.

Do conjunto de considerações que acabamos de fazer, verificamos que a Revolução Farrroupilha apenas por extensão poderá ser chamada de Guerra Insurrecional dentro da conceituação aceita na atualidade militar, uma vez que lhe faltam algumas das características dessa forma de guerra. Foi, sem dúvida, uma Guerra Irregular, onde a guerrilha se fez presente em toda sua plenitude.

A guerrilha é a principal arma de que lança mão a Guerra Irregular.

Numéricamente inferiores, logo após a 1.ª Fase das Operações, os Farrapos foram obrigados a lançar mão da Guerrilha, evitando o choque direto com as forças legais, só o realizando em último caso ou na certeza de uma vitória compensadora.

Quando se estuda desapassionadamente a Guerra dos Farrapos, custa-nos crer que os Farroupilhas julgassem ser possível derrotar o Império que, em comparação com eles, possuía uma gama muito maior de recursos. Parece-nos que visavam ao desgaste e à desmoralização do Governo Imperial, gerando o desinteresse e a reação da opinião pública nacional. Parece-nos também, sem sombra de dúvida, que pretendiam alastrar o movimento, integrando-o com outros realizados nas Províncias de Santa Catarina, São Paulo, Bahia e no Nordeste.

Somente desta maneira teriam probabilidade de êxito.

Para alcançar os objetivos a que se propunham os Farroupilhas:

- Atuaram pela multiplicação e repetição de pequenas ações de guerra, algumas bastante bem preparadas.
- Procuraram aproveitar adequadamente o terreno, beneficiaram-se dos rios, das canhadas, das coxilhas, da serra e dos esconderijos e abrigos fornecidos pelos estancieros simpatizantes e correligionários.
- Jamais se prenderam a objetivos e ao terreno, abandonaram sucessivamente as 4 capitais que tiveram (Pôrto Alegre, Piratini, Caçapava e Alegrete). Falharam apenas com relação a Pôrto Alegre que, teimosamente, disputaram aos Imperiais, sofrendo, com isso, enorme desgaste.
- Na Campanha, foi justamente onde obtiveram suas maiores vitórias. Entenderam a Guerrilha em tôda sua plenitude. Essa Guerrilha "que é a estratégia do 1 contra 10, a tática do 10 contra 1 e a ação psicológica do 1 que corresponde a 100". Isso comporta o segredo e a minúcia na concepção, a informação rápida e precisa através de vasta rede de "bombeiros" e informantes, a rapidez, a brutalidade e a surpresa na execução e a variedade nas táticas, que desarticula as reações.
- Por viverem em seu próprio "habitat", reuniam-se ou dispersavam-se com grande rapidez. Como válvula de escape, tinham a Banda Oriental para onde fugiam, quando necessário, com a complacência e cumplicidade dos uruguaios.
- Como todos os guerrilheiros tiveram o seu "Calcanhar de Aquiles" no apoio logístico e essa situação piorou quando Oribe assumiu o Governo do Uruguai.

Mao Tsé-tung, desgraçadamente para nós democratas, considerado como um dos maiores mestres da Guerrilha, em seu livro "A Estratégia da Guerra Revolucionária na China", aconselha o seguinte:

- Se o inimigo avança, nós nos retiramos;
- Se o inimigo se entrincheira, nós o inquietamos.
- Se o inimigo está esgotado, nós o atacamos;
- Se o inimigo se retira, nós o perseguimos".

Vemos portanto que há mais de um século era essa, exatamente essa, a forma de proceder dos Farrapos, face às Forças Imperiais.

- Recuaram durante quase toda a guerra porque os Imperiais se apresentaram mais fortes.
- Cercaram e inquietaram os legais entrincheirados, por diversas vezes, em Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande, São José do Norte, Jaguarão, etc.
- Atacaram os Imperiais, quando estes estavam esgotados. Como exemplo, temos Bento Gonçalves lançando-se sobre Manuel Jorge, quando este, em condições precárias, procurando esquivar-se ao combate, realizava a travessia do Rio Taquari.
- Perseguiram os Imperiais, quando estes se retiravam. São exemplos as perseguições realizadas por Teixeira contra os Imperiais ao Norte, em direção a Santa Catarina, indo, após a morte do Brigadeiro Cunha, até Lajes.
- Para finalizar, é fácil verificar o emprêgo naqueles tempos idos de 1835 a 1845, pelos Farrapos, das recomendações hoje sistematizadas pelo Vietcong na Guerra do Vietnã, pois:
 - combateram com inteligência (empregando ardis, fintas, emboscadas, etc.);
 - conservaram, até o comando de Caxias, a liberdade de movimentos;
 - demonstraram em todas as oportunidades acentuado espírito ofensivo;
 - decidiram com presteza;
 - guardaram segredo, visando à obtenção da surpresa;
 - agiram sempre com grande rapidez e mobilidade.

b. Atuação de Caxias face a princípios atuais

Julgamos ser importante fazer um confronto entre alguns princípios atuais, como os mais adequados à ação da contraguerrilha e a atuação de Caxias, face à Guerrilha na Revolução Farroupilha.

PRINCÍPIO N.º 1

"O poder legal não pode dar qualquer indício de fraqueza em relação ao movimento insurrecional.

Torna-se indispensável uma vontade firme e perseverante de vencer, atuando com determinação no aniquilamento da insurreição".

Foi essa exatamente a orientação seguida por Caxias e essas idéias estão contidas no seu Plano de Campanha — firmando o princípio da autoridade, caracterizando a legalidade, mostrando-se forte embora humano e justo sem ser demasiadamente severo. Teve em tôdas as oportunidades uma vontade firme e perseverante, dando continuidade às operações, independentemente das estações climáticas, das condições militares ou dos interesses pessoais.

Suas ações e decisões sempre tiveram como objetivo final o sufocamento da Revolução.

PRINCÍPIO N.º 2

"A vitória contra o movimento irregular só pode ser completa com a destruição do organismo político e administrativo irregular".

Caxias cuidou, desde logo, de tirar aos Farroupilhas sua organização estrutural, dificultando-lhes o exercício daquilo que, embora caricatural, eles chamavam de Governo Republicano. Apossou-se de suas cidades, conquistou sucessivamente tôdas as capitais que erigiram, transformando-os em bandos sem apoio ou ligação. Dessa maneira, negou-lhes o direito de ser o que julgaram um dia querer ser, um País republicano.

PRINCÍPIO N.º 3

"É imprescindível conquistar a população civil e conservar sua adesão moral".

Caxias procurou pacificar não apenas por palavras vazias de qualquer sentido prático, mas respeitando as populações civis e suas propriedades privadas. Determinou o pagamento imediato de tudo quanto suas forças consumiam; impediu o saque, o roubo, a crueldade e a vingança que fazem o homem desmerecer sua condição humana. Passou a dar clemência aos vencidos, desarmando-os e restituindo-os a liberdade sob palavra de honra de que não retornariam à luta. Reconhecida e agradecida, a parte da população que era contrária ao Governo Imperial foi ficando cada vez mais reduzida, aderindo

senão ao Império pelo menos a Caxias. Com tais atos terminou por conquistar o respeito absoluto e a profunda admiração por parte até das forças inimigas.

PRINCIPIO N.º 4

"Tôda região onde há insurreição deve ser isolada do exterior, moral e materialmente".

Caxias estabeleceu ligação com o Governo Provincial de Santa Catarina, a fim de impedir qualquer contato aos Farrroupilhas com o norte. Dominou, por completo, a navegação dos rios que possuíam algum trecho navegável e em particular a entrada da lagoa dos Patos, interrompendo assim qualquer ligação através do Atlântico.

Determinou aos seus 3 Grupamentos de Forças anteriormente enumerados (o de Bento Manuel, o de Francisco Pedro e o diretamente sob suas ordens), a missão de isolar a fronteira com o Uruguai. Foi gradativamente diminuindo o número de portas de escape e exercendo contínua e forte pressão sobre os republicanos.

PRINCIPIO N.º 5

"Para destruir as forças guerrilheiras não basta vencê-las no campo de batalha. Torna-se mister, também, ocupar as bases de onde elas retiram os recursos humanos e materiais".

Esse princípio, já naquele tempo era atendido em sua plenitude, pela clarividência de Caxias.

Essa compreensão está presente na distribuição por todo o território rio-grandense de Forças Armadas do poder legal para, em íntima ligação com a população simpatizante, imporem sua vontade aos Farrroupilhas.

PRINCIPIO N.º 6

"O melhor princípio para combater as guerrilhas consiste em lançar sobre elas outras guerrilhas que ameacem constantemente os bandos inimigos, cercando-os e esgotando-os".

Caxias determinou que suas forças adotassem o processo de combate das guerrilhas semelhantes ao empregado pelos Farrapos. Os extraordinários guerrilheiros, que foram David Canabarro, Teixeira e General Neto, tiveram a fazer-lhes frente mestres guerrilheiros do valor de Bento Manuel, Chico Pedro e Juca Ourives (bons guerrilheiros mas péssimos como cidadãos). Aos poucos os farrroupilhas foram perdendo sua liberdade de ação e conduzidos ao desespero.

PRINCÍPIO N.º 7

"A conquista definitiva da população pelo poder legal será conseguida pela onipresença das forças da ordem".

Assim que chegou ao Rio Grande, Caxias sentiu que era necessário vencer os Farrapos o mais rápido possível, não só no campo militar como nos psicológico, econômico, cultural e social. Para atingir esse desiderato era indispensável estar presente em toda a parte, o que demandaria grandes efetivos e enormes recursos. Essas limitações foram óbices que ele com sua clarividência e descortino soube contornar.

4. ALGUNS FATOS NOTÁVEIS DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

Vamos apresentar alguns fatos que marcaram profundamente a atuação de Caxias na Revolução Farroupilha. Apresentaremos um fato vivido pelo grande chefe farrapo David Canabarro e também sua proclamação por ocasião da pacificação do Rio Grande.

a. As proclamações de David Canabarro e de Caxias

Apresentamos estas duas proclamações para mostrarmos os notáveis exemplos de patriotismo, lealdade e compreensão contidos em ambas.

— Proclamação de David Canabarro

Anunciando a pacificação do Rio Grande do Sul, David Canabarro lançou a seguinte

"Proclamação

Concidadãos! Competentemente autorizado pelo magistrado civil a quem obedecemos, e na qualidade de Comandante-em-Chefe, concordando com a unânime vontade de todos os oficiais da força de meu comando, vos declaro que a Guerra Civil que há mais de 9 anos devasta este belo país, está acabada.

A cadeia de sucessos por que passam todas as revoluções tem transviado o fim político a que nos dirigíamos, e foge à continuação de uma guerra, tal seria o ultimatum da destruição e do aniquilamento da nossa terra. Um poder estranho ameaça a integridade do Império, e tão estólida ousadia jamais deixaria de ecoar nos corações brasileiros. O Rio Grande não será o teatro de suas iniquidades, e nós participaremos a glória de sacrificar os ressentimentos criados no furor dos partidos ao bem geral do Brasil.

Concidadãos! Ao desprender-me do grau que me havia confiado o poder que dirigia a revolução, cumpre-me assegurar-vos que podeis volver tranqüilos ao seio de vossas famílias. Vossa segurança individual e vossa propriedade está garantida pela palavra sagrada do Monarca, e o aprêço de vossas virtudes, confiado ao seu magnânimo coração. União, fraternidade, respeito às Leis e eterna gratidão ao ínclito Presidente da Província, o illustríssimo e excelentíssimo Sr. Barão de Caxias pelos afanosos esforços que há feito na pacificação da Província.

Campo em Poncho Verde, 28 de fevereiro 1845

DAVID CANABARRO".

— *Proclamação do Barão de Caxias*

A proclamação de Caxias, divulgada a 1.º de março foi a seguinte:

"Rio-Grandenses !

E sem dúvida para mim de inexplicável prazer o ter de anunciar-vos que a guerra civil que por mais de 9 anos devastou esta bela Província, está terminada. Os irmãos contra quem combatíamos estão hoje congratulados conosco e já obedecem ao legítimo Governo do Império Brasileiro. Sua Majestade o Imperador, ordena por Decreto de 18 de dezembro de 1844 o esquecimento do passado, e muy positivamente recomenda no mesmo Decreto que tais brasileiros não sejam judicialmente nem por qualquer outra maneira, perseguidos ou inquietados pelos atos que tenham sido praticados durante o tempo da revolução. Esta magnânima deliberação do monarca brasileiro há de ser religiosamente cumprida, eu o prometo sob minha palavra de honra.

Uma só vontade nos una, Rio-Grandenses ! Maldição eterna a quem ousar recordar-se das nossas dissensões passadas... União e tranqüillidade seja de hoje em diante nossa divisa.

Viva a Religião ! Viva o Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil ! Viva a integridade do Império !

Quartel-General do Presidente e Comandante-em-Chefe do Exército Brasileiro sito nos Campos de Alexandre Simões, margem direita do Santa Maria, 1.º de março de 1845.

Barão de CAXIAS".

b. Caxias e o "Te Deum"

Após a pacificação, Caxias achava-se acampado em Bagé; foi procurado por uma comissão que o vinha convidar para assistir a um "Te Deum" em ação de graças pela pacificação da Província.

Caxias gentilmente agradeceu o convite e declarou que iria assistir, e com grande satisfação, a uma missa, se a mandassem rezar por alma de todos os que morreram durante a Revolução. Mas, "Te Deum" não".

Este episódio revela o respeito de Caxias por aqueles bravos, que de ambos os lados, haviam tombado no campo da luta. Ele não fazia distinção entre vencidos e vencedores, tratando-os sempre como irmãos que por algum tempo tiveram suas desavenças.

c. Caxias e o respeito à população civil

Todos sabemos que as normas disciplinares de Caxias eram rígidas. Uma delas, em tôdas as campanhas onde tomou parte, foi o respeito integral à população da região de operações. Naquela época onde ainda não existiam as Leis de Guerra e os abusos contra a população civil eram uma constante, é de admitir-se a preocupação e a energia com que Caxias reprimiu tais atos.

Os historiadores da Revolução Farroupilha são unânimes em registrar as diferenças marcantes entre o comando de Caxias e os seus antecessores, no que diz respeito à proteção da população da Província contra os excessos cometidos pela tropa de ocupação.

As ordens do Dia de Caxias registram o empenho do Chefe no sentido de evitar os excessos.

Eis o que dizia um pequeno trecho de suas famosas Ordens do Dia:

"O mesmo Sr. General não pode deixar de contristar-se pelos abusos que, a despeito de suas terminantes ordens, têm sido cometidos pelas imediações dos acampamentos das forças do Exército, vexando os proprietários estancieiros, matando-lhes seus gados, apropriando-se de suas cavalhadas e praticando outros atos em nada dignos do Soldado Imperial. S. Ex.^a espera que não mais reproduzam-se semelhantes extorsões, para que de nôvo não lhe apareçam as tão frequentes representações, que a seu conhecimento têm chegado; e por êste motivo recomenda aos Srs. Comandantes de Divisões, Brigadas e Corpos que desenvolvam sôbre êste ponto tôda a sua vigilância, para pôr termo a tão escandalosos procedimentos, fazendo prender imediatamente à sua ordem qualquer praça ou individuo que fôr encontrado, ou ao certo conhecer-se como infrator, a fim de ser exemplarmente castigado".

Em 1846 surgiu no Rio Grande do Sul um trabalho, de autor anônimo, intitulado "Reflexões sobre o Generalato do Conde de Caxias", que nos informa ser o objetivo da recomendação acima transcrita evitar que "para o futuro continuassem a aparecer atos escandalosos que pudessem indispor a população da campanha contra as forças imperiais." O mesmo autor anônimo registra a atuação de Caxias para proteger a população: "Se o General exigia o cumprimento exato dos deveres de suas tropas, quando elas marchavam em perseguição do inimigo era, por assim dizer, inexorável sobre a execução das ordens que lhes dava quando elas iam ocupar ou estacionar-se em alguma povoação. A mais pequena falta era punida pronta e severamente. Os comandantes das forças de ocupação tinham uma restrita recomendação do General para não deixarem insultar por seus soldados nenhum habitante, sob pena de sua pessoal responsabilidade: e essa exigência além de ser justíssima, contribuiu muito para legalizar os rebeldes que viram, na nossa ocupação paternal, um contraste bizarro e uma imensa diferença comparativamente com a do jugo de ferro da rebelião que os tinha até então esmagado."

Além de punir com rigor aqueles que ofendiam a população, concedeu anistia e indultos aos vencidos, tratando-os sempre com honra e respeito.

Outro episódio notável de sua atuação no Rio Grande, foi ter ido pessoalmente à casa de uma viúva de um revoltoso e pedir-lhe desculpas pelos insultos que lhe haviam sido feitos por um oficial de sua tropa.

d. Contribuição de Caxias ao desenvolvimento do Rio Grande

No que diz respeito ao desenvolvimento do Rio Grande, Caxias realizou um formidável esforço, visando ao soergimento da economia gaúcha, depauperada pelos efeitos da guerra. Restabeleceu o comércio com o interior da Província, proporcionando um grande desafôro para toda a população. Atendeu às necessidades mais imediatas da população, reduziu o contrabando com o Uruguai e aumentou a arrecadação da Alfândega.

Além dessas medidas de efeito imediato, preconizou alguns planos de longo alcance. Determinou o início do comércio com o Rio de Janeiro. Aconselhou a abertura da Barra do canal de São Gonçalo, a melhoria do canal da Barra do Rio Grande, a limpeza do Vacacaí até São Gabriel e a eliminação das cachoeiras que impediam a navegação através do rio Jacuí.

Num documento, afirmou: "Para que seja navegável todo o interior da Província, bastaria, por meio de um canal, estabelecer-se a comunicação do Vacacaí ao rio Santa Maria, desde São Gabriel até o passo de São Borja ou da Lagoa."

e. Caxias e o tratamento para com as mulheres

Na Revolução Farroupilha, Caxias procurou dar um tratamento mais distinto às mulheres e buscou, através delas, a confiança e o apoio de toda a população. Ordenou que fossem abatidas mais reses que as necessárias à manutenção da tropa, a fim de fornecer alimentação às pessoas sem recursos, particularmente para as viúvas. Determinou também que os uniformes para a tropa fossem confeccionados pelas mulheres das diversas cidades, independente do partido do chefe da família. Elas receberiam um preço justo pelo seu trabalho e o pagamento seria feito à boca do cofre e logo após receber o fardamento pronto.

f. Caxias e David Canabarro

Ao chegar ao Rio Grande, Caxias de imediato sentiu que estava tratando com homens diferentes, chegando à conclusão que era mais fácil exterminar a população rio-grandense em armas contra o Império do que obrigá-los a entrarem em acôrdo, como exigia o Governo, isto é: rendição incondicional. Caxias com sua clarividência, após mais de ano e meio de lutas constantes, ficou convencido que o Rio Grande revolucionário não era nem o Maranhão, nem São Paulo e nem Minas Gerais. Em reunião com David Canabarro, Caxias declarou-lhe que os farroupilhas estavam praticamente aniquilados. O Comandante-em-Chefe das Forças Farroupilhas respondeu:

"Engana-se V. Ex.^a Sr. Barão. Ainda temos elementos para lutar durante mais dez anos."

O episódio acima relatado ocorreu no ano de 1844.

Nesta época, entretanto, na Argentina, o Caudilho Don Juan Manoel de Rosas que sonhava reconstituir o Vice-Reinado do Prata, convidou David Canabarro para colaborar com ele, prometendo enviar, caso aceitasse, tropas de seu comando para ajudarem a derrotar o Império. David Canabarro, num gesto de grande patriotismo, respondeu ao caudilho argentino:

"Senhor — O primeiro de vossos soldados que transpuser a fronteira, fornecerá o sangue com que assinaremos a paz com os imperiais. Acima de nosso amor à República, está nosso brio de Brasileiros. Quisemos, ontem, a separação de nossa Pátria, hoje almejamos a sua integridade. Vossos homens, se ousarem invadir nosso País encontrarão, ombro a ombro, os republicanos de Piratini e os monarquistas do Sr. D. Pedro II."

Em outra reunião com Caxias, a fim de tratarem da pacificação do Rio Grande, Canabarro mostrou-lhe a resposta que dera ao oferecimento de Rosas.

Com êsse notável documento em suas mãos, Caxias vendo os horizontes desanuviados, começou a agir com maior segurança explorando, diplomaticamente, o patriotismo dos farrapos. Após tais fatos, entraram em fase definitiva as negociações entre imperiais e farroupilhas para a assinatura de uma paz honrosa.

5. CONCLUSÃO

Para concluir, recordemos que, Caxias, pelas armas, reduziu o impeto dos Farrapos, pela política conciliadora assegurou seu trabalho pela amizade e pela gratidão. É muito difícil encontrar na gloriosa história do Rio Grande, pontilhada de acontecimentos relevantes, outro homem que tanta influência tivesse adquirido e tantas amizades sinceras houvesse conseguido.

E a grande prova está no fato de que em 1851 levou na guerra contra Rosas os chefes legais que haviam sido seus companheiros e os chefes farrapos a quem recentemente vencera. Na Guerra do Paraguai, muitos deles haveriam de morrer combatendo sob suas ordens.

No dia imediato ao término dessa revolução sangrenta, não havia uma recriminação, uma represália, uma vingança que perturbasse os regozijos populares.

"Sucedendo a 9 presidentes e a 8 Generais-em-Chefe que ali tinham ido perder o ouropele das falsas glórias militares, ou, alguns, destruir o renome de capacidade política, soube evitar o domínio das parcialidades e buscar auxiliares leais, sem lhes indagar as simpatias ou antipatias".

Considerava perda lamentável o sangue que corria nos combates entre irmãos, procurava amenizar a guerra ao máximo. Vencia os revoltosos. Desarmava-os e pela bondade os atraía para suas próprias tropas ou os mandava para casa tranquilos. Assim, diminuía as forças farrapas, tornava possível o esquecimento dos ressentimentos políticos e amalgamava a real união dos habitantes da Província.

Entre suas tropas estabeleceu normas rígidas de disciplina e de respeito à propriedade dos revoltosos e a máxima consideração para com suas famílias. Através dessas enérgicas medidas, que se constituíam um dever de humanidade e num instrumento eficaz para fortalecer a disciplina, Caxias conseguiu conquistar o apoio da população civil para a causa imperial e pôde substituir o ódio ou a indiferença dos habitantes por uma colaboração espontânea para suas tropas. Nos dias em que vivemos, podemos sentir quanto essa colaboração contribuiu para o sucesso das operações, pois o apoio da população passou a ser um dos principais fatores do sucesso, particularmente na Guerra Insurrecional.

A análise da atuação de Caxias no Rio Grande revela um grande tino militar, senão vejamos: providenciou para que os revoltosos não pudessem mais utilizar-se dos principais centros populosos da Província, dotando-os de guarnições de segurança; dividiu sua força em destacamentos e procurou ativamente os adversários. Conseguiu recalcá-los sobre a fronteira. A sua estratégia (chamemo-la assim) foi a mais adequada à circunstância e, no domínio tático, logo percebeu a grande vantagem de proporcionar à cavalaria meios de fogo mais poderosos que lhe facultassem, ao lado da velocidade, maior eficiência no ataque e na defesa.

O autor anônimo das "Reflexões sobre o Generalato do Conde de Caxias", já anteriormente citado, revela profundos conhecimentos militares.

São dêle as seguintes palavras:

"Cabe exclusivamente ao Conde a feliz lembrança dos pontos matematicamente dispostos e fortificados. Sem êles tôdas as forças do Império seriam insufficientes para domar a rebelião."

Passa depois a citar as linhas em que Caxias baseou seu plano, "aproveitando alguns pontos, que a necessidade pura e simples fêz fortificar por seus antecessores".

A primeira linha "princiava em São José do Norte, tocava em Pôrto Alegre e correndo ao longo da margem da lagoa dos Patos, Guaíba e esquerda do Jacui, ia terminar em Rio Pardo".

Mais tarde, quando dispunha de maior número de infantes, traçou a sua segunda linha que, partindo de Rio Grande vinha terminar em Caçapava, grande depósito estrategicamente situado no centro da Campanha gaúcha. Foi também nessa época que as fortificações da cidade de Rio Grande, bem como as da capital, receberam maiores aperfeiçoamentos.

Conquistada, finalmente, por meio de uma severa disciplina, e por uma bem combinada estratégia, uma superioridade decisiva sobre o seu inimigo, Caxias estabeleceu a terceira linha que, principiando no Cerrito, sobre o rio Jaguarão, continuava por Bagé, São Gabriel e Alegrete, e ia terminar em Santa Ana do Uruguai, pontos êsses que foram successivamente ocupados e fortificados.

Era esta de tôdas as linhas, a mais extensa do famoso plano de campanha de Caxias, que desarticulou todos os planos do inimigo, tirou-lhe todos os recursos, e fez-lhe extremamente perigosos ou impossíveis todos os seus movimentos estratégicos e ia, paulatinamente, conduzindo-o à impotência de manobrar, à destruição de todos os meios de resistência e à derrota final.

A retaguarda da direita desta linha foram ocupados, por guarnições permanentes, três centros militares importantes: Santa Maria da Bóca do Monte, Cruz Alta e São Borja.

Sem aceitarmos por inteiro o exagêro de atribuir a Caxias uma estratégia de linhas fortificadas, o que verificamos é que êle organizou defensivamente e ocupou certos núcleos populacionais importantes da Campanha Gaúcha, negando-os ao reaprovisionamento do inimigo e servindo-lhe de pontos de apoio.

Mas aí terminava sua ação defensiva; a decisão procurou-a com suas tropas sempre alerta e móveis e com os seus exímios guerrilheiros. Assumiu atitude ofensiva pela "manobra", isto é, "coordenando movimentos cuja perfeita convergência fazia com que o inimigo cedesse a pressões inesperadas".

Todos nós que estudamos a Revolução Farroupilha sabemos que a cada ação, quer de um quer do outro lado, seguia-se uma paralisação completa de movimento. Esse fenômeno repetiu-se até a chegada de Caxias. Com tal proceder, as Forças Imperiais, possuidoras de maiores recursos, faziam o jôgo das Forças Farroupilhas.

Caxias deu nova orientação à campanha, fazendo aquilo que hoje chamariamos de Operações Antiguerrilhas.

Caxias, que por instinto, por formação, por sentimento, por vocação, estava fadado a ser mestre da guerra regular e maciça, adaptou-se, mercê de sua invulgar competência profissional, como já o fizera contra os Balaios, às condições que a guerra apresentava no Rio Grande do Sul.

Já vimos também que Caxias não só adaptou-se às condições especiais da Guerra Farroupilha, como naquela época, através de sua ação empregou princípios hoje ainda válidos e aceitos pelas Forças Armadas dos mais adiantados povos.

Para concluir nosso trabalho repetimos: Caxias foi um predeterminado, um homem à frente do seu tempo.

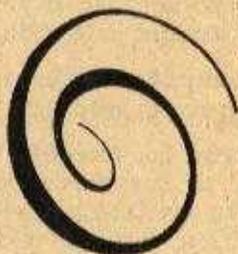
"O seu gênio militar, irmanado ao sentimento de comunhão nacional, advertiu-lhe desde logo que a maquinação externa poderia ser facilmente combatida no ânimo rio-grandense, de modo emocional e evocativo, a que a alma gaúcha se rende e prosterna na mais rápida vibração de solidariedade e de sacrifício".

BIBLIOGRAFIA

1. TE 31-15 — OPERAÇÕES CONTRA FORÇAS IRREGULARES
2. TE 31-16 — OPERAÇÕES ANTIGUERRILHAS
3. TE 320-5-1 — VOCABULARIO DA ECEME

4. "REFLEXOES SOBRE A GUERRA INSURRECIONAL" — General Luiz Augusto da Silveira
5. "A REVOLUÇÃO FARROUPILHA" — General Tasso Fragoso
6. "A REVOLUÇÃO FARROUPILHA" — Walter Spaiding
7. HISTÓRIA DO BRASIL — Pedro Calmon
8. A DEFESA NACIONAL — Números 566 — 567 — Set e Out 1961
9. CAXIAS (Rev. Clube Militar) — General Fiamarion Lima
10. REVISTA MILITAR BRASILEIRA — Números 1 e 2 — Jan a Jun 69

NR — Este artigo se constituiu em monografia do autor quando aluno da ECEME e foi seleccionado pela direção da Escola para publicação.



“Mais importante do que a organização e as armas são os homens que compõem um moderno Exército. A modernização exige que o soldado seja bem preparado, alerta e inteligente. Ele deve saber pensar e agir rapidamente e ter versatilidade. E deve saber combater em condições superiores contra um inimigo acirrado.

Deve possuir, pelo menos em igual medida, a coragem moral e a devoção ao dever demonstrados pelos seus antepassados”.